

PÉRICLES MENEZES

**ESTRADAS
E VIELAS**

• PERCALÇOS DE UM CAMINHAR •

© Copyright 2022 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Roseilde Reis

Impressão

J Andrade

Revisão de texto

Éverton Santos

Imagens

Pixabay / Pexels

Fotografia

Latino

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Oliveira, José Pércles Menezes de.

O48s

Estradas e Velas – Percalços de um caminhar. / José Pércles Menezes de Oliveira.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

216p.:il.

ISBN: 978-65-88562-86-4

1. Literatura Sergipana

3. Narrativa Biográfica

I – Título

2. Trajetória de vida

CDU: 929 (813.7) -3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

PÉRICLES MENEZES

ESTRADAS E VIELAS

• PERCALÇOS DE UM CAMINHAR •

Aracaju-SE



2022

A black and white photograph showing a hand holding a pencil over a piece of paper. The word "Gratidão" is written in a cursive script on the paper. The background is a plain, light-colored surface. The pencil has some text on it, including "4 005401 19081".

Gratidão

Aos meus pais (*in memoriam*), Zé Barão e Bete, exemplo de determinação e atitude na formação ético-moral de seus dez filhos.

À minha esposa, filhas e neta, Rejane, Mariana, Moema e Maria Antônia, respectivamente, base de sustentação e apoio durante essa viagem.

Aos amigos Capitão Eraldo, Sargento Sacramento e Vicente Lima Rodrigues pelo incentivo, apoio e auxílio na construção do projeto literário.

Aos meus irmãos: Célia, Bado, Teca, Lu, Jorge, Solange, Olga, Ninha e Paulinho (*in memoriam*) pelo carinho e luta diária em família.



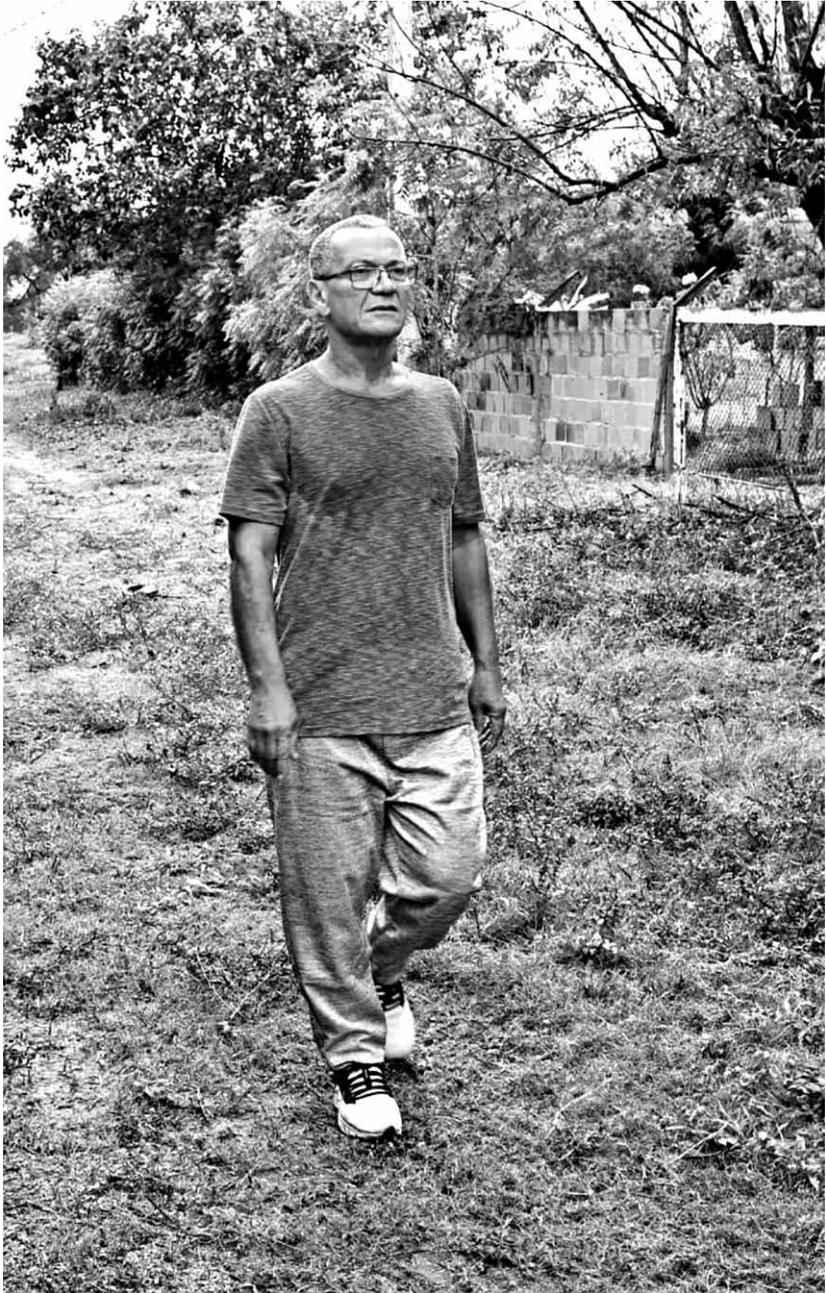




“Quem passou pela vida em branca nuvem e em
plácido repouso adormeceu; quem não sentiu o frio
da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu; foi
espectro de homem, não foi homem; só passou pela
vida, não viveu.”

Francisco Otaviano





Prefácio

Não obstante meu completo ceticismo em relação aos credos elaborados e aos dogmas consagrados, acredito de algum modo na imanente espiritualização da raça humana. Acredito do mesmo modo que o Bem e o Mal travam uma guerra, quiçá infundável, pela conquista da alma humana, sobre a qual cada uma das colossais forças anseia hastear sua flâmula tal qual o fazem o exército invasor ao conquistar territórios, ou os piratas ao tomarem um navio.

Se o Bem e o Mal digladiam na Terra dos Humanos, certamente cada uma das forças conta com seus soldados nas batalhas, com seus espiões por trás das linhas inimigas, com seus agentes de campo... Então, eis que me surge uma centelha de clarividência pela qual eu posso afirmar: **o homem a seguir autobiografado** há muito que se alistou no Exército do Amor e tem em seu *curriculum* inúmeras batalhas travadas pela justiça, pela verdade, pela decência. E se, e somente se, tais valores lhe são caros, leitor, sugiro-lhe nas próximas páginas viajar pela história de um ser humano formidável.

Eraldo Oliveira de Almeida

Capitão R/R da PMSE

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo I	
Considerações preliminares.....	17
Capítulo II	
Meus vínculos hereditários.....	31
Capítulo III	
Eu sou eu.....	43
Capítulo IV	
Meu primeiro emprego.....	57
Capítulo V	
Minhas idas e vindas	69
Capítulo VI	
A vida na academia.....	81
Capítulo VII	
O eu sentimental.....	99
Capítulo VIII	
A reciprocidade do ensinar e aprender	112
Capítulo IX	
Experiências do comando.....	125
Capítulo X	
Seres iluminados.....	141
Capítulo XI	
Mudanças à vista.....	160
Capítulo XII	
As bênçãos do pai.....	173
Capítulo XIII	
A família escolhida.....	188
Capítulo XIV	
Meus convidados.....	199
Conclusão	213

Introdução

A contrapartida de descrever fatos, atos e acontecimentos de uma vida possibilita ao contador da história relatar passagens e caminhos percorridos de um tempo, remetendo paulatinamente a uma viagem regressiva e a registros simbólicos significativos e detalhados do universo abordado.

Como individualizar uma pessoa de outra pessoa? É possível estabelecer um padrão ideal de indivíduo abordando aspectos físicos e psicológicos? Por que as pessoas reagem de forma diferente na análise de um mesmo problema ou tema?

O ser humano não é uma máquina programada e devidamente modelada, seguindo uma lógica matemática para fazer isso e deixar de fazer aquilo. Comportamentos e aspectos psicológicos são imprevisíveis e involuntários. Não se calculam características psicológicas com uma “varinha de condão”. Sentimentos e emoções são atributos pessoais e dependem de momento e percepção sensorial.

A individualidade da pessoa é a garantia de que cada ser tem uma história de vida, passa por situações específicas, recebe e interpreta informações do meio externo de forma individual e muito particular. Assim, podemos afirmar que cada pessoa retém as vivências e experiências de seu cotidiano e reage a elas de acordo com o seu modo de ser e sentir.

Neste trabalho, farei um apanhado geral de minha história de vida. Uma abordagem pessoal e intimista. Uma narrativa que expõe momentos de uma pessoa pobre e carente de recursos

financeiros, moradora de um bairro considerado violento da periferia de Aracaju, pertencente a uma família de 12 pessoas que era obrigada a caminhar quilômetros a pé para poder estudar e ter a possibilidade e perspectiva de uma vida menos sofrida no futuro.

Nascido no Dia do Trabalhador e determinado a mudar de padrão econômico, procurei o mundo do estudo, única possibilidade visualizada no universo em que vivia de ajudar na renda da família. Conciliar estudo e trabalho era um esforço gigante. Meu pai era um carroceiro, não sabia ler nem escrever; minha mãe equilibrava a balança, era diligente e convicta de que a educação poderia mudar a história de vida da família, dando uma guinada e apresentando novas perspectivas.

Os capítulos deste apanhado estão dispostos por ordem cronológica dos fatos e acontecimentos. Nada de fantasia ou narrativas fora da realidade. Procurei destacar uma data simbólica para mim, o dia primeiro de maio, dia do meu nascimento e, coincidentemente, o Dia Internacional do Trabalho.

Por ter uma ligação umbilical com o trabalho, dedico uma boa parte da narrativa para descrever a importância dele em minha vida, sendo o ponto crucial e característico, indiscutivelmente, da minha dedicação e disposição para enfrentar os desafios da profissão que escolhi.

Ingressar na Polícia Militar na condição de soldado, batalhar contra tudo e todos para encontrar um espaço, ascender na hierarquia da instituição, chegando ao oficialato, sendo promovido a todas as patentes da carreira, inclusive atingido a maior delas, a de coronel, e ser comandante-geral da Policial Militar, por duas vezes, em governos distintos e opostos ideologicamente.

Essa situação que atingi na Polícia Militar de Sergipe é única. Nenhum outro comandante que tenha passado nas fileiras da polícia sergipana comandou a corporação por duas vezes, vindo

da condição de soldado e, principal e especificamente, por governos de correntes ideológicas opostas. Esse feito, possivelmente, é único entre todas as Polícias Militares do Brasil.

O profissionalismo incorporado durante os 30 anos de atividade policial militar explica o tamanho do desafio enfrentado. Quebrei paradigmas na instituição. Comandei sem viés político e sem apego à função. Trabalhei pela valorização dos policiais militares e pela aproximação destes ao cidadão. Explorei o diálogo aberto entre a polícia e a comunidade.

Após a minha saída do comando da Polícia Militar e ainda na ativa, continuei engajado no fortalecimento da atividade e na valorização de seus servidores. Juntei-me a um pequeno grupo de praças e saímos percorrendo o Estado todo, conversando com a tropa e pedindo união para que no pleito eleitoral de 2010 conseguíssemos eleger o primeiro deputado estadual Policial Militar. O trabalho foi árduo, as escalas de serviço não ajudavam, fomos obrigados a percorrer todos os municípios do Estado diversas vezes, de forma que todos os policiais militares, ativos e inativos, recebessem nossa visita. Muitas vezes dormi em pousada à beira de estrada para cumprir a missão idealizada.

A missão foi cumprida, e a tropa respondeu ao nosso chamado. Resultado: o policial militar candidato a deputado estadual apoiado pelo grupo foi eleito com a segunda maior votação entre todos os deputados daquela eleição. Foi o primeiro, o mais bem-sucedido até hoje e único. Uma vitória do trabalho e da união. Foi o único deputado a obter votos em todos os 75 municípios do Estado.

Esses passos estão devidamente abordados nos capítulos deste compêndio autobiográfico, que cataloga e sintetiza informações sentidas e refletidas pelo autor de um tempo vivenciado e percorrido ao longo de sua história.



CAPÍTULO I

Considerações preliminares

*“E eu sou ligado no que Ele falou, sou parado no que Ele deixou.
O mundo só será feliz, se a gente cultivar o amor.”*

Cláudio Fontana

Ea vida, qual o seu significado? Quais são os valores que devem ser explorados enquanto estamos aqui na Terra? Somos agentes ou pacientes de conteúdos e símbolos? Qual o legado que devemos deixar para a humanidade?

As vivências passadas, as trilhas percorridas, os resultados, não do ponto de vista mensurável, palpável, mas, sobretudo, nos aspectos moral e espiritual.

O que realmente leva uma pessoa a ter um significado marcante para a sociedade que pontue uma época, um espaço, quer seja na família, quer seja na empresa onde trabalha ou até mesmo em sua comunidade. O que é significativo e importante se dizer ou deixar ao outro como forma de ajudar ou contribuir com o avanço da sociedade, decifrar momentos e sentimentos, e quebrando paradigmas de um cultura envelhecida e caquética.

As pessoas têm seus propósitos e objetivos, algumas se satisfazem com bens materiais (casa, apartamento, carro, fazenda, empresas...), outras não, preferem deixar lembranças, marcas impressas nos corações e almas das pessoas.

Eu me identifico muito com a segunda alternativa. Do ponto de vista do materialismo, posso garantir que não tenho predisposição para acumular riquezas. Sempre morei no bairro Santos Dumont, em uma casa que construí ao longo de todo tempo de trabalho na Polícia Militar e mesmo assim até hoje não consegui terminar todo acabamento. Mesmo comandante da polícia nas duas administrações, continuei morando na mesma casa e só consegui comprar o meu primeiro veículo popular, por consórcio, quando já era tenente-coronel e, mesmo assim, não dirigia por não saber, inclusive só tirei Carteira Nacional de Habilitação depois de minha aposentadoria, no ano de 2015. Não assumia compromisso com bens materiais que não conseguisse pagá-los com o meu dinheiro do mês. Sempre coloquei como prioridade o pagamento das mensalidades escolares de minhas duas filhas. Essa lição eu aprendi com Dona Bete, minha mãe. Prioridade um – saúde; prioridade dois – educação.

Meus pais me fizeram uma pessoa com os pés no chão. Nunca tive apego a dinheiro, tive e tenho apego a trabalho, trabalho sério, responsável e livre.

Sempre procurei e me preparei para a conquista do trabalho por concurso público. Entendo que o concurso público é a melhor forma de selecionar o mais esforçado, o mais empenhado. Tive alguns colegas de escola muito inteligentes e que se destacavam em sala de aula, mas não tiveram a persistência de enfrentar o desafio dos concursos e terminaram parando, casando jovens ainda, constituindo família, e não avançaram no campo profissional. O concurso público é competitivo e requer determinação e enfrentamento.

Não tive vida fácil em minha juventude, a começar por ser filho de um carroceiro, migrante do município de Siriri, analfabeto, e de uma mãe dona de casa, do município de Capela, que vieram para Aracaju tentar sobreviver na capital.

Com muito esforço meus pais conseguiram comprar uma pequena casa na Rua São Francisco de Assis, no bairro Santos Dumont.

Trabalhando com seu burro, meu pai ia carregando, quando achava, algum material que algum cliente precisava transportar. Era com o que ganhava desse frete que levava para casa aquilo que conseguia no dia para comprar o alimento diariamente. Alguns dias não conseguia ganhar nenhum dinheiro e, claro, não tinha o que levar para comer.

Como sempre, papai saía de casa bem cedo e chegava no início da noite; quem cuidava dos filhos era minha mãe. E era uma família de peso. 12 pessoas: meus pais e dez filhos. Eu era o quarto mais novo dos dez.

O que podia fazer um menino periférico, oriundo de uma família numerosa, sem recursos, que com muito esforço estudava em escola pública do município e andava a pé mais de dez quilômetros para ir e vir da escola, que ficava em outro bairro?

Uma grande parte das crianças da minha comunidade não estudava, às vezes não gostava, outras tinham de ajudar os pais, e algumas os pais não consideravam o estudo importante.

O esforço que minha mãe fazia para manter todos os seus filhos na escola era gigantesco. Ela sempre dizia que não queria que seus filhos sofressem tanto como papai, que não sabia ler nem escrever e nunca ia ter um emprego formal.

O que esperar de uma criança que aos 10 anos de idade pegava um cesto de pão e aguardava a maré que divide o bairro Santos Dumont do bairro Jardim Centenário baixar para atravessar e ir vender pão naquela outra comunidade, que na época não tinha padaria local, levando algumas moedas para casa?

Como devia ser o comportamento dessa criança, oriunda dessa comunidade pobre que não tinha energia elétrica, água tratada, posto de saúde, transporte público, que muitas vezes

não tinha comida para se alimentar e ficava esperando seu pai chegar com seu burro e sua carroça, torcendo para que ele trouxesse alguma coisa para comer? Às vezes ele trazia e era uma festa; às vezes ele não trazia a comida, mas trazia um pouco de dinheiro, e mamãe mandava comprar na bodega da esquina dois, três ovos e dividia para todos, ou comprava uma lata de sardinha e dividia também.

O pior era quando papai não conseguia trazer nem alimento nem dinheiro. Era muito triste, mas era uma família unida. Minha mãe conduzia com muito pulso o respeito e a disciplina dos filhos.

Qual a perspectiva de trabalho e de desenvolvimento dos filhos de uma família tão pobre que necessitava, o quanto antes, que seus filhos iniciassem o trabalho formal muito cedo para ajudar nas despesas de 12 pessoas? Os nossos vizinhos da comunidade geralmente iniciavam como serventes de pedreiro, vendedores de picolé ou coisa semelhante e paravam de estudar. Mas Dona Bete não deixaria nunca seus filhos fora da escola. Ela sabia a importância da educação. Ela acompanhava e ensinava as tarefas de todos os seus filhos. Ninguém ia dormir sem deixar as atividades da escola sem fazer.

Aos 16 anos, eu estava no 2º ano do 2º grau e fui obrigado a estudar no turno da noite. Consegui um emprego em uma loja de venda de baterias de automóveis. Trabalhava o dia inteiro e saía do emprego direto para o colégio. Era muito cansativo, mas agradecia muito a Deus, pois agora já ajudava nas despesas de casa. Na verdade, o meu salário era entregue totalmente a minha mãe, eu ficava muito feliz em contribuir. Ela me dava algum dinheiro quando precisava, mas eu nunca precisava. Não saía de casa, não tinha namorada, minha diversão era jogar bola bem perto de casa com alguns poucos amigos.

A vida foi me levando dessa forma, e eu ia fazendo a leitura das fases que vivenciava e sempre olhando para frente. Já estava trabalhando e continuava estudando. Sempre passava de primeira, então percebi que dava para conciliar trabalho com estudo. Naquela fase de minha vida estava indo tudo bem.

A vida é dinâmica, assim como é dinâmico o tempo, e devemos ser aliados do tempo. Ele é implacável e deixa suas marcas.

O tempo mudou... A loja onde trabalhava fechou as portas. A sociedade foi desfeita, e eu fiquei desempregado. Estava próximo de completar 19 anos e desempregado. Não queria ficar sem contribuir com as despesas de casa, mas, pelo menos, havia dois irmãos mais velhos que trabalhavam também.

Continuei alguns meses esperando uma oportunidade; foi quando fiquei sabendo do concurso para soldado da Polícia Militar..

Eu nunca tive paixão para ser militar. Tive um irmão mais velho que foi soldado da PM, mas passou pouco tempo. Não se adaptou às regras impostas.

Esperei mais um pouco para ver se surgia uma outra oportunidade, que não apareceu. Nos últimos dias de inscrição, fui fazer a minha para o dito concurso da PM.

O que me levou a me inscrever no concurso da instituição foi a necessidade de voltar a trabalhar, pois já tinha o 2º grau completo, precisava ajudar em casa e também já tinha algumas paqueras.

Por outro lado, eu sempre me questionava: será que vou me adaptar? Não tinha boa impressão dos policiais do Posto de Polícia que havia no Santos Dumont, mas também pensava: “E se eu gostasse? Dava até para fazer prova para sargento mais à frente”.

Eu sempre tive um comportamento muito calmo, detestava qualquer ato de violência e pensava, caso eu passasse, que não seria como aqueles policiais do posto de minha comunidade.

Vieram as provas escritas, que achei fáceis; depois exame físico e, após, exames médicos. Resultado: passei em todas as etapas, e já tinha uma data marcada para a apresentação dos aprovados no quartel.

E foi assim que começou a minha labuta para ingressar na Polícia Militar.

Não entendia nada de militarismo e tinha muita timidez. Ficava preocupado como eu ia chegar ao quartel, o que ia fazer e se seria bem recebido.

Ao chegar ao quartel, vi aquela fila de alunos, e eu me juntei. Tinha um policial organizando tudo, pegando o nome e colocando o pessoal em forma; ele dizia que no quartel não podia caminhar, era para correr quando fosse chamado, e, se saísse da sala de aula para o sanitário, era para sair correndo; para beber água era da mesma forma.

Eu só saía da sala quando mandavam todo mundo sair; no mais, ficava com sede e não usava o sanitário...

Não queria ficar correndo, e depois os policiais antigos ficavam tirando lera. Detestava aquilo... Eu ficava rezando para chegar ao final do dia e sair daquele ambiente pesado e desumano.

Eu era um jovem prestes a completar 20 anos e queria evoluir, mas aquele tratamento no quartel não permitia que eu me interessasse pela cultura Policial Militar. Achava que merecia algo melhor, mas fui ficando e de repente tinha acabado o curso de soldado, e nós seríamos colocados para o serviço de rua definitivamente.

Meu Deus! Agora a responsabilidade aumentava muito, agora já tínhamos a responsabilidade de execução do policiamento. Constantemente me escalava com outro PM, a dupla era chamada de Cosme e Damião e era lançada na área comercial para evitar roubos, furtos e outros delitos. Geralmente o responsável pelo policiamento colocava um soldado antigo e um recruta. E dizia